

## Os Desafios da Educomunicação com a Aceleração Social do Tempo<sup>1</sup>

Naiane Gomes de Mesquita<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

### Resumo

O presente artigo analisa a educomunicação a partir dos desafios da aceleração social do tempo. Tanto a educação quanto a comunicação têm sofrido inúmeras alterações ao longo de sua história, em especial, desde a modernidade. O conhecimento que era repassado de geração para geração, especialmente, pelas mulheres, foi institucionalizado. A informação ganhou ares de massivo com as primeiras invenções tecnológicas. Na contemporaneidade, com o crescente uso de dispositivos móveis e aparatos digitais que não separam mais a vida do trabalho dos desafios sociais, a busca por uma otimização do tempo e do empreendedorismo afetam também a vida na educação, que começa cedo, com cobranças e desafios para educadores e educandos.

### Palavras-chave

Educomunicação; aceleração do tempo; comunicação; educação

### 1. Introdução

Há um tensionamento permanente entre comunicação e educação que ao longo do tempo tornou-se mais forte, conforme os avanços das invenções tecnológicas na vida cotidiana. Ambos são campos de estudos estabelecidos, com dinâmicas, teorias e formas de atuação próprias, que inevitavelmente tem a influência direta um do outro.

A história nos ensina, na verdade, que tanto a educação como a comunicação, ao serem instituídas pela racionalidade moderna, tiveram seus campos de atuação demarcados, no contexto do imaginário social, como espaços independentes, aparentemente neutros, cumprindo funções específicas: a educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade. (SOARES, 2000, p.13).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 13 a 15 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Mestranda do curso de Comunicação da UFMS; e-mail: [naiane.tm@gmail.com](mailto:naiane.tm@gmail.com).

---

Compondo o outro lado do que podemos definir como uma tríade, a tecnologia forma um eixo que movimenta e tensiona a relação entre a educação e a comunicação na vida cotidiana. Dos desafios gerados por essa interação estão as mudanças na forma de repassar o conhecimento, de interpretar o saber e de compreender o tempo.

A invenção do relógio, por exemplo, está entre as revoluções tecnológicas que alteraram a vida cotidiana. Assim como a criação da prensa, do rádio e da internet. A primeira descoberta tem mais impacto no cotidiano do homem que deixa o campo e se aventura nas cidades e na indústria. Anteriormente definido por ciclos, estações e colheitas, o tempo sofreu mudanças ao instituírem às 24 horas, ou seja, a vida linear. Não há mais pausas para se viver determinado período. Todos os dias são tecnicamente iguais, demarcados por ponteiros lineares e não cíclicos, como as plantações. “Tudo indica haver o relógio inventado um andamento prestíssimo estimulando sentimento de urgência, cujos limites não cabem na aparentemente curta duração da jornada diária”. (CITELLI, 2017, p. 11).

A educação também sofreu alterações ao longo do desenvolvimento da sociedade moderna. Nas primeiras comunidades, as mulheres eram as principais responsáveis por repassar o conhecimento de geração para geração. A busca por um controle social e da aprendizagem resultou em uma literal caça às bruxas<sup>3</sup> e uma extrema racionalização do conhecimento, que originou na institucionalização da escola.

A aprendizagem da nova sociabilidade começa pela substituição da nociva influência dos pais – principalmente da mãe – na conservação e transmissão das superstições. E passa sobretudo pela mudança nos modos de transmissão do saber. Antes se aprendia pela imitação de gestos e através de iniciações rituais; a nova pedagogia neutralizará a aprendizagem ao intelectualizá-la, ao convertê-la em uma transmissão desapaixonada de saberes separados uns dos outros e pelas práticas. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 145)

No novo sistema econômico, a escola será a responsável por incluir as crianças nos dispositivos da vida produtiva. O tempo será linear, com o horário de entrada e saída devidamente demarcados. O ano letivo durará um ano, no tempo do relógio e não da colheita. O objetivo é estimular a compreensão do trabalho como extensão de uma vida

---

<sup>3</sup>A referência à caça às bruxas, uma perseguição religiosa e social que começou no século XV e atingiu seu apogeu nos séculos XVI a XVIII principalmente na Alemanha, Escandinávia, Inglaterra, Escócia, Suíça e em menor escala na França, Península Ibérica, Itália e Império Habsburgo. Mais de 70% dos perseguidos foram mulheres. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.145).

cotidiana estabilizada e promissora. “Por isso a escola funcionará sobre dois princípios: a educação como preenchimento de recipientes vazios e a moralização como extirpação dos vícios”. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 133).

Ao comparar os educandos com recipientes vazios, que são “preenchidos”, Martín-Barbero dialoga com Paulo Freire e a concepção da escola como uma educação bancária. Um dos primeiros pesquisadores brasileiros a pensar a escola como um local crítico e criativo, ainda na década de 70, Freire é considerado um dos primeiros educadores, antes mesmo dessa definição ser criada. Para ele, o educador estagnado torna-se um narrador que conduz os educandos à memorização e não a aprendizagem do conteúdo.

Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor o educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, p.80, 2017).

Desse processo se consolidou a escola como a conhecemos no século XXI. Ainda mais competitivo, dividido em público e privado, o ensino tornou-se um comércio e os alunos recipientes de informações. Nesse modelo, não há espaço para a investigação e a criatividade. “A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca”. (FREIRE, p. 81, 2017).

Paralelamente, a comunicação também sofreu mudanças ao longo de sua trajetória, com três grandes fases. Segundo Souza (2001), a primeira foi mediada pelos sons, gestos e signos escritos, quando ainda se experimentava o diálogo por meio das comunidades. Nos séculos seguintes, com a modernidade, as indústrias, o capital e as tecnologias na vida produtiva, a presença da técnica tornou-se o novo modo de diálogo. A comunicação deixou de ser mediada para se tornar mediática. Surgem as comunicações de massa, de grande escala, como o advento dos jornais, rádios e da televisão.

A terceira grande fase ainda está em construção. Na pós-modernidade, o processo industrial está em exaustão e percebemos uma sociedade dos serviços, das linguagens e processos. “A comunicação deixa de ser apenas mediática e coletiva para se tornar digital, em sua terceira fase, baseada não mais na representação, mas na simulação, no performático e no visual”. (SOUZA, 2001, p.21).

---

Essa definição dialoga com a concepção de um padrão cultural, que propõe a ideia de como o homem vê o mundo. Esse modo de vida imposto pelos limites da temporalidade que tanto influencia em todos os níveis da sociedade, incluindo a comunicação e a educação, seguindo uma visão culturalista é resultado de um processo hegemônico de dominação cultural.

Assume-se, nesse contexto, o pressuposto de que as relações sociais da modernidade são mediadas por padrões culturais hegemônicos – tais quais os padrões de temporalidade e de objetividade que se entrecruzam na experiência cotidiana pela via da sociabilidade moderna – típicos de uma racionalidade substancialmente instrumental. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, apud SILVA, 2017, p.215).

### **1. A crise da educação formal e a relação com a comunicação**

Neste artigo, abordaremos a inter-relação entre comunicação e educação por meio do conceito de Educomunicação. Essa definição é utilizada no Brasil a partir de um estudo pioneiro desenvolvido na década de 90, pelo professor Ismar de Oliveira Soares, no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP):

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo. (SOARES, 2011, p. 23).

A partir dessa definição, é importante relembrar que a educação desempenhou no passado um papel importante na concepção de um padrão cultural hegemônico. Baseando-se na razão e no capital, a escola se desenvolveu por meio de uma aprendizagem desapaixonada e moldada na relação hierárquica entre professor e aluno, sendo o primeiro no topo da cadeira de transmissão de saberes.

Soares cita o pensador francês Pierre Furter ao falar sobre as mudanças de paradigmas que culminou na crise da educação tradicional baseada nos princípios citados anteriormente. A educação que durante décadas foi a base da construção da democracia moderna e do progresso dos povos foi perdendo o espaço na sociedade da informação, onde é possível construir um conhecimento com mais liberdade e criatividade. “Há uma valorização social do mundo da comunicação e uma negação do mundo da educação tradicional” (FURTER apud SOARES, 2011, p.16).

---

Com a popularização da tecnologia, a mediação se tornou estrutural, criaram-se modos de percepção, linguagens e interpretações. O homem não se relaciona e não constrói o conhecimento como nos séculos anteriores. Agora, a comunicação de massa e posteriormente, a Internet consegue transpor uma função que era estritamente da escola e de núcleos sociais, como a família, igreja e a comunidade. Ao perceber que não é mais a única responsável pelo conhecimento, a escola entra em crise.

O que a trama comunicativa da revolução tecnológica introduz em nossas sociedades não é, pois, tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição de bens e serviços. A “sociedade da informação”, não é, então, apenas aquela em que a matéria-prima mais cara é o conhecimento, mas também aquela em que o desenvolvimento econômico, social e político encontra-se intimamente ligado à inovação, que é o nome da criatividade e da invenção. (MARTIN-BARBERO, 2014, p.79)

Contrária a educação tradicional, a lógica dos meios de comunicação funciona pela perspectiva da aceleração do tempo. O aprendizado que surge pelas possibilidades tecnológicas tecnicamente não tem território ou limites. É possível se manter informado durante 24 horas por dia e de acordo com suas aspirações pessoais.

Com um tempo próprio (o presente) e um espaço desterritorializado (o ecossistema virtual ou ciberespaço), a comunicação de massa mantém, como garantem os estudos de recepção, um pé na realidade, ainda que esta seja o universo fluido do imaginário e das paixões humanas. A comunicação de massa faz as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãos de um mundo em mutação. (SOARES, 2011, p. 17).

A Educomunicação traz uma dimensão complexa das duas áreas de conhecimento em meio ao bombardeio de informações e a crise escolar. Mas, para ser completa, a Educomunicação também precisa fazer jus a necessidade de renovação da escola, que há muito percebe que o tratamento burocrático do conhecimento perde espaço para as inúmeras possibilidades dos programas, redes sociais, formação à distância e smartphones. O público jovem, que nasceu no século XXI busca a informação de forma não-linear, seguindo a liberdade do hiperlink<sup>4</sup>.

Para a comunicação há a chance de adotar uma postura mais crítica e ir além da programação massiva.

---

<sup>4</sup> Um caminho que liga instantaneamente a outra informação complementar ou semelhante ao assunto.

Em uma síntese, é possível conceber a Educomunicação como uma área que busca pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo. Posto de outro modo a comunicação deixa de ser algo tão somente midiático, com função instrumental, e passa a integrar as dinâmicas formativas, com tudo que possa ser carreado para o termo, envolvendo desde os planos de aprendizagem (como ver televisão, cinema, ler o jornal, revista; a realização de programas na área do audiovisual, da internet). (CITELLI, 2011, p.8)

Apesar de o desenvolvimento tecnológico ser importante para essa mudança de paradigmas é importante ressaltar, conforme Baccega (2009), que o fenômeno vai muito além dos meios de comunicação e suas tecnicidades. Nesse contexto, a Educomunicação surge próxima da comunidade, em uma realidade que é atravessada pela presença dos meios de comunicação, cada vez mais desenvolvidos, que tem no seu interior a condição de educar e ocupam um lugar privilegiado para isso.

E quem são os agentes desse campo Comunicação/Educação? Somos todos os que participamos de determinada comunidade, que vivemos no tempo e espaço de uma dada sociedade, que recebemos e reconfiguramos permanentemente a realidade e a devolvemos, ressemantizada, à dinâmica da cultura, num processo que passa de geração a geração. (BACCEGA, 2009, p.15-16).

O principal ponto é assumir que qualquer produto de comunicação, como um programa de televisão, por exemplo, pode ensinar, mesmo que o objetivo primordial seja o entretenimento. “Conhecimento e aprendizagem que se conseguiram em processos não de memorização, nem de cópias de modelos, mas de exploração e descobertas. Era preciso assumir que de qualquer programa se aprende, mesmo que não seja educativo”. (OROZCO GOMÉZ, 2014, p. 23).

Soares (2011) cita os pesquisadores Paulo Freire e Mario Kaplún e os denomina de os primeiros educadores. Ao acreditar que não era possível compreender o pensamento fora da função cognoscitiva e comunicativa, Paulo Freire se aproxima de um pensamento semelhante de Kaplún, em que a comunicação educativa seria capaz de dar à educação métodos e procedimentos para formar a consciência comunicativa do educando.

Martín-Barbero também cita a pedagogia de Paulo Freire e suas palavras geradoras ao tentar compreender o papel do educador:

---

Vislumbrando há 50 anos a esquizofrenia sofrida pela educação formal, Paulo Freire inseriu sua “alfabetização de adultos” em uma proposta radicalmente libertária e inovadora: aquela em que se aprende a ler para escrever/contar a sua própria história, pois só então a via dos excluídos passará a contar, quer dizer, a ser levada em conta por aqueles que governam e dominam. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 143).

Esse desejo de pertencimento, de contar a sua própria história e realidade é um dos campos de atuação da Educomunicação e uma arma contra a hegemonia que prevalece na mídia e dentro da escola.

O campo comunicação/educação, fundamental para a construção da cidadania inclui, mas não se resume a educação para os meios, uso de tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios, percurso que vai do território digital à arte-educação, do meio ambiente a educação à distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer de vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, ciberespaço, etc. (BACCEGA, 2009, p.19)

Em contato com essas possibilidades e tecnicidades surge o debate em torno da aceleração social do tempo e como essas inovações tecnológicas que modificaram a nossa forma de viver desde a modernidade tornam o trabalho da Educomunicação ainda mais importante em uma sociedade conectada 24 horas por dia, inclusive, dentro da escola.

### **3. Educomunicação e a aceleração social do tempo**

A sensação de que as horas passam mais rápido do que poderíamos humanamente acompanhar é antiga e teve início com a modernidade. Claro, que a popularização da internet impulsionou a sensação com a possibilidade de estar conectado frequentemente, sem limites impostos pelo tempo natural, de dia ou noite.

O século XX carregou consigo um tratamento especioso do tempo, na medida em que a velocidade, o contato célere permitido pelos meios de comunicação, a ideia de um encurtamento do espaço, foram se impondo como realidades inescapáveis e com capacidade para suscitar profundas mudanças nos modos de organizar o próprio cotidiano. (CITELLI, 2017, p.15).

A vida no mundo do trabalho, a internet, os meios de dispositivos móveis e todas as tecnologias contribuíram para que nosso cotidiano sofra uma aceleração não-natural.

---

Podemos trabalhar em casa, no trânsito, no caminho para a aula. Estudar em diferentes locais, planejar conteúdo ou corrigir provas com mais agilidade. É comum a crescente procura por serviços que sejam de curta duração. Atividades físicas de alta intensidade que são realizadas em apenas 30 minutos cabem perfeitamente na jornada por vezes tripla de trabalho ou estudo. Para o capital, a ideia de um produto que seja capaz de durar uma década é ultrapassada. Tornou-se consenso que ao comprar um *smartphone*, o produto sobreviverá até o próximo lançamento no ano seguinte.

A regulagem dos horários, compromissos, assim como a duração técnica ou tecnológica dos produtos – concebidos para resistirem por uma estação de novidades –, serve para exemplificar o princípio geral da fluidez que objetiva ou subjetivamente marca as nossas relações com as mercadorias, bens e serviços. Desse movimento não estão livres sequer os territórios mais íntimos dos desejos, expectativas e afetos. (CITELLI, 2017, p. 13).

Nesse contexto, a educação também lida com as questões que envolvem a aceleração social do tempo. Altos índices de competitividade entre os alunos, docentes e instituições de ensino são incentivados diariamente, dentro da sala de aula e na publicidade que acompanha a educação atualmente. Quem aprova mais em universidades ou oferece mais ensino de línguas estrangeiras em menos tempo são os colégios cobiçados.

[...] a intensa competitividade a qual estamos sujeitados e que nos obriga, em qualquer área de nossas vidas, ao estabelecimento constante de metas: temos a obrigação de atingir resultados mensuráveis. No campo educacional essa constatação é evidenciada pelo conjunto de índices fixados pelo sistema e suas políticas, que classificam e definem se uma escola (leia-se também gestão) é eficiente ou não. (COSTA, 2017, p. 82).

Citelli (2017) explica que educadores e alunos costumam relacionar a questão da tecnologia com o ganho de tempo, em uma corrida constante para, por exemplo, prender a atenção do aluno, dinamizar a aula com o uso de aparatos tecnológicos, realizar cursos de formação permanente e facilitar o aprendizado. Para os estudantes, a questão aparece com frequência desde a infância. Da preocupação dos pais em promover o ensino de línguas estrangeiras de forma precoce, especialmente o inglês, às experiências de intercâmbio na juventude, tudo colabora para a formação de um jovem adulto pronto para o mercado de trabalho.

---

Compreende-se que nestas e outras respostas similares, exista, em boa parte das escolas nas quais realizamos a nossa pesquisa, um elo quase imediato entre facilidades permitidas pelo uso de tecnologias nas salas de aula e economia de tempo. (CITELLI, 2017, p. 15).

Como consequência direta dessa busca pela superação há um alto nível de estresse entre educadores e estudantes, além de uma pressão de toda a sociedade por mais metas cumpridas e uma gestão da educação eficiente, que não se parece em nada com o conhecimento repassado de geração em geração nas antigas comunidades. A criança, que se esperam ser o adulto empreendedor do capital, aprende cedo que não há tempo a perder. “Deve envergar e praticar o dístico pragmático de viver sob os lineamentos materiais e existenciais da concorrência”. (CITELLI, 2017, p. 25).

Se de um lado o homem se beneficia com a quantidade de informação reproduzida pelos meios de comunicação, de outro torna-se cada vez mais impaciente com as relações em sociedade e com as questões que demandam reflexão, como o estudo. É comum, por exemplo, que ao se dedicar a determinada disciplina o aluno procure o estudo no contraturno como forma de fixar o conhecimento. Porém, mesmo ao optar pelo cômodo mais silencioso da sua residência, ele ainda será acompanhado de ao menos um *smartphone* e, provavelmente, uma televisão e um computador.

Hoje, quando está estudando, o aluno tem ao seu redor e provavelmente ao alcance das mãos mais de um meio de comunicação eletrônico. Como apontaram os resultados desta pesquisa, ao menos dois terços disseram conviver com TV e computador, e mais de três quartos dispõem de internet e *smartphone* no mesmo ambiente, que disputam atenção com caderno, lápis, borracha, caneta, livro... E é de se supor que prevaleçam, uma vez que tais aparatos midiáticos são mais utilizados para o entretenimento e o lazer e, portanto, são mais prazerosos. (ANDRADE, 2017, p. 113).

#### **4. Considerações finais**

Muito se tem falado sobre as questões que afetam a aceleração social do tempo decorrente das inovações da tecnologia. No campo da Educomunicação há novas publicações sobre o tema, que buscam as respostas sobre como tais desdobramentos da vida moderna afetam diretamente o aprendizado dos estudantes e a vida cotidiana dos professores.

O estresse dos educadores é conhecido mundialmente. No Brasil, a carga horária que pode ultrapassar até 40 horas semanais, baixo salário e a violência são debatidos constantemente na mídia e em estudos publicados pelo país. Entre tantos desafios, a aceleração social do tempo se mostra mais um deles.

Enquanto crianças creem que precisam ser empreendedoras de si mesmo, os professores são pressionados a utilizar as tecnologias para incentivar justamente esse dinamismo que o mundo do trabalho precisa e se beneficia. Também influenciados pelas questões sociais que afetam a todos no século XXI, na era das redes sociais, os educadores se mostram mais próximos do uso das tecnicidades na sala de aula.

Desejamos evidenciar que assim como em todos os níveis da vida contemporânea, a aceleração social do tempo influencia no desenvolvimento e na aprendizagem, seja na formação do aluno ou na inclusão do plano de ensino dos educadores.

Ao se pensar em como modificar o entendimento acerca da aceleração social do tempo dentro da escola para educadores e educandos, a Educomunicação surge como um movimento contra hegemônico. Mostrar as crianças e aos adolescentes o outro lado da moeda das invenções tecnológicas e da competitividade são algumas das ferramentas disponíveis para criar cidadãos mais conscientes do seu próprio tempo.

Se antes foi fundamental formar para a recepção, agora é imprescindível formar também para a emissão e produção criativas. Isso visa tornar realidade essa cultura de participação que as redes sociais estimulam e possibilitam, mas que a maioria das audiências pelo menos nos países ibero-americanos, ainda não se assume plenamente. Os novos participantes na comunicação têm de aprender a ser comunicadores. E isso é um desafio complexo, político, cultural e socio-econômico, mas que começa com a comunicação e a educação. (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 33)

## 5. Referências bibliográficas

ANDRADE, Rogério Pelizzari de. O lugar do estudo na aceleração social do tempo. In. CITELLI, Adilson. Educomunicação: **Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

---

BACCEGA, Maria Aparecida. Campo Comunicação/Educação: mediador do processo de recepção. In. BACCEGA, Maria Aparecida; COSTA, Maria Cristina Castilho Costa (org.). **Gestão da Comunicação, epistemologia e pesquisa teórica**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CITELLI, Adilson. Educomunicação: **Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

COSTA, Elisângela R. Diretores de escola e educação a distância: gestão do tempo e o ethos da autovalorização. In. CITELLI, Adilson. (org) **Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Dos meios as mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

SILVA, Michel Carvalho. A conectividade como imperativo: a relação entre os sites de redes sociais e os estudantes de cursinhos comunitários. In. CITELLI, Adilson. (org) **Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.

SILVA, Marcos Paulo da. Apontamentos sobre a contribuição da sociologia das formas de Franco Moretti para os estudos em jornalismo. *Revista Matrizes*, São Paulo, V.11, 2017.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação – Recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In. CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Educomunicação, construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação: um campo de mediações**. *Comunicação & Educação*, São Paulo (19): 12 a 24, set./dez. 2000.